

Lucy DIAS; Roberto GAMBINI. *Outros 500: uma conversa sobre a alma brasileira.*

(São Paulo: SENAC, 1999. 228 p.)

Em palestra proferida a universitários evangélicos de confissão luterana em Porto Alegre, no ano de 1961, o Pastor Ulrich Hees, alemão que atuou na IECLB, afirmou profeticamente: “Somente quando a cultura brasileira for examinada responsabilmente a partir do evangelho, a Igreja evangélica estará em casa na realidade espiritual e cultural brasileira – mesmo com distância crítica”. No mesmo sentido, o teólogo Georg Vicedom, após visita ao Brasil em 1967, escreveu em artigo publicado mais tarde: “A Igreja Luterana no Brasil terá influência somente quando tiver teólogos autóctones pelos quais poderá falar às pessoas e ao público... Quem na América Latina vier ao encontro das questões religiosas das pessoas, também terá um dia as pessoas”.¹

As questões levantadas pelos dois teólogos alemães continuam sendo um desafio para nós que pregamos o evangelho em terra brasileira. O evangelho não será uma boa notícia para nossa gente se não conse-

guir dialogar com suas angústias, suas esperanças e sua alma. Teólogas e teólogos comprometidos com o evangelho não podem se furtar a ouvir o que esta alma tem a nos dizer, quais os dramas que carrega e como encontrar caminhos de esperança num país em que a vida humana vale muito pouco e é bagatelizada a cada dia.

No final de 2001 tive a grata alegria de receber um presente de um amigo missionário entre povos indígenas que me cativou desde o primeiro dia. Pude assim ler com muito proveito a longa entrevista feita pela jornalista paulista Lucy Dias com o psicólogo Roberto Gambini, também paulista. Gambini é mestre pela Universidade de Chicago, tendo mais tarde estudado no Instituto C. G. Jung de Zurique, na Suíça.

O livro é o resultado de uma conversa rigorosa entre dois intelectuais que arriscaram colocar sobre o chão do consultório um paciente chamado Brasil ou a alma desse paciente. Trata-se do velho tema quem somos nós e a que viemos. No último capítulo,

¹ Citações feitas por Rolf SCHUENEMANN, *Do gueto à participação: o surgimento da consciência sociopolítica na IECLB entre 1960 e 1975*, São Leopoldo: Sinodal/EST-IEPG, 1992, p. 60 (Série Teses e dissertações, 2).

Lucy Dias usa a imagem do Brasil como gigante adormecido, poderoso, pródigo, mas infelizmente desfibrado, derrotado, entregue a um destino totalmente equivocado. Um país à beira do caos.

Gambini foi fundo em sua análise. Para ele, não basta somente acordar. “O nó da dificuldade está na falta de uma consciência clara sobre o próprio valor”. Se “somos todos índios”, como canta Fagner em uma de suas canções, isto nos deveria fazer olhar para nós mesmos como iguais àqueles que nos precederam aqui. Como a eles foi negado serem eles mesmos, possivelmente o mesmo esteja acontecendo conosco. “Esta questão do saber negado faz parte do despertar do gigante. Ele tem que se dar conta de que há potencialidade, um conjunto de conhecimentos e maturação humana já conquistados há séculos. Despertar é isso. Os índios não podem, sozinhos, conceber a contribuição que podem dar para uma questão planetária (...) Cabe a nós, ‘índios’, reconectados com eles e nos sentindo parte do planeta, fazer a ponte entre a milenar sabedoria indígena e a tecnologia de ponta mundial. E todos os contingentes populacionais que vieram para o Brasil, não

sendo indígenas de origem, podem virar indígenas por carma, por condicionamento histórico e social. A nossa função é transpor linguagens e transcodificar signos e entender que esse é o despertar do gigante. Nós temos na mão aquilo de que precisamos, O que está adormecido em nós é a resposta para as grandes perguntas de nossa história e de nosso tempo” (p. 196).

Mas o que me parece ainda mais interessante em Gambini, que já escreveu outro livro muito interessante sobre os inícios de nossa história², é a sua tese de que, para darmos conta do presente e futuro deste país gigante e adormecido, é necessário assumirmos o nosso passado obscuro. Enquanto não resolvermos esta questão tanto de formação da “alma nacional” quanto de constituição ética, não seremos uma verdadeira nação. Seremos, antes, um país “de cócoras sobre um tesouro”, como afirmou Monteiro Lobato. Faz parte desse penoso exercício a um só tempo coletivo e pessoal reconhecer as distintas violências que marcaram nossa história e desfiguraram nosso povo. É preciso assumir tanto a nossa parte luminosa quanto a nossa sombra. A sombra se refere aos traços nega-

² Cf. *O espelho índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

tivos, rejeitados, que contradizem a nossa auto-idealização. Diz respeito à “destrutividade, patologia de todos os tipos, desumanidade, cobiça, dominação, hipocrisia, inveja, ódio, maquiavelismos de toda espécie, etc. A sombra, portanto, é o lado não-reconhecido, porém não menos real do que aquele que se manifesta. Quanto menos assumida ela for pela atitude consciente, mais ela será projetada sobre ‘os outros’, os diferentes, os desconhecidos, os inimigos, o vizinho” (p. 35).

Essa sombra precisa ser confessada. Gambini não tem meias palavras ao falar do débito que temos para com os povos indígenas e os afrodescendentes. A dor da escravidão, da desumanidade que violentou por séculos aquelas populações deixou marcas tão fundas na psique brasileira, que nós ainda vamos conviver com ela por muito tempo. “Eu diria que essa dor ainda não foi completamente expressa (...) voltando para o paralelo terapêutico, quando uma pessoa sofre dores no seu processo constitutivo, ela tem que ter consciência daquelas dores e tem que achar as palavras para falar daquilo que lhe aconteceu. Só quando consegue voltar, expressar e entender o que aquela dor lhe causou, é que finalmente pode passar para outra fase. Acho que isso não ocorreu no Brasil. O contingente negro, como o indígena, ainda não

pôde se expressar, sua expressão é incompleta. E, do lado do escravizador, que no fundo é a sociedade branca, portanto nós todos (...), também há um elemento não expresso, que é o reconhecimento da ação praticada. No Brasil, há um débito psíquico que, se não for formulado e trabalhado, não permitirá que surja um novo processo de conscientização de identidade. A sociedade branca deve, tanto para a sociedade indígena quanto para a negra, um reconhecimento honesto da culpa e do débito” (p. 65s).

A nossa identidade como povo e nação, a construção de um novo país, esperançoso e liberto, passa por esse reconhecimento, por esse *mea culpa*. Não como masoquismo ou algo parecido, mas como necessidade imperiosa de poder ser plenamente humano, com as luzes e sombras que compõem o nosso ser.

Creio que esse processo de desculpabilização e de retomada de uma identidade sadia tem muito a ver com nossa pregação evangélica. Se o evangelho é mesmo uma boa notícia de libertação, certamente ele pode ser um elemento crucial nessa busca de nós mesmos na terra brasileira, ajudando a nos olharmos no espelho, a confessar a culpa e a retomar a caminhada a partir do perdão e da liberdade que ele proporciona.

Gambini usa uma figura muito cara na sua interpretação do Brasil.

Ele afirma que a compaixão é um arquétipo que faz uma falta enorme em nosso país e principalmente na vida cotidiana, nas relações entre as pessoas. “Já se disse que o que está faltando no grande drama brasileiro é a figura da mãe compadecida. É preciso que, de repente, ela acorde, desperte, se levante e comece a falar. Que diga que já não tolera o sofrimento dos seus filhos. E estou falando dessa mãe compadecida como uma figura arquetípica coletiva que vai se manifestar em seres humanos, homens e mulheres, que se levantam e começam a falar. Quando esse sentimento aparece, ele critica a falsa moral, ele critica o silêncio, ele critica a máscara, ele critica o egoísmo, ele desnuda” (p. 114).

Só assim poderemos chegar a uma autêntica solidariedade que transforme a base da sociedade nacional para além dos programas de TV tipo *Criança Esperança* e das campanhas sempre bem intencionadas de ajuda aos mais pobres. Essa experiência libertadora pode ser experimentada também como um processo de cura, individual e coletivo. Trata-se de uma busca, uma postura de busca, de esperança ativa, se assim se pode dizer.

Faz parte desse processo o desnudamento da classe dominante, da elite que manda e desmanda no país. Certamente, algo muito diferente do

que faz a novela *No quinto dos infernos*, que desqualifica o colonizador português, mas não ajuda a refazer esse passado de forma nova e transformadora. É preciso que o nosso povo deixe de confiar nos senhores, se liberte de seu próprio medo para forjar novas lideranças que saem do seu próprio meio e inspirem um novo projeto histórico de povo e de nacionalidade, não xenófoba, mas consciente de sua própria potencialidade e criatividade.

A mãe foi psicologicamente rejeitada (ela era a mãe indígena que serviu apenas como útero, recipiente) e o pai histórico é patológico (desumanizou a mãe ao fazer dela mero objeto de cama e mesa, e abandonou o filho, que se tornou um mestiço enjeitado, crioulo). Por isso, afirma Gambini, “não adianta continuar esperando o arquétipo paterno se manifestar no Brasil porque, aqui, ele é manco mesmo. Eu diria que está na hora de os filhos começarem a pensar que esse é o pai que eles têm e que, portanto, é preciso tomar nas mãos a tarefa de ‘inventar o Brasil’ mesmo sem ele” (p. 207). Ou, mais adiante, “é preciso refundar a consciência brasileira” (p. 210).

A meu ver, a tarefa da teologia no Brasil faz parte dessa refundação. Isto se, de fato, estamos dispostos a encarar o desafio de trabalhar com a realidade do drama brasileiro, a plu-

ralidade do fenômeno religioso e os gritos do povo em nosso duro e difícil cotidiano. Concluo esta resenha com uma recomendação sábia de Gambini, que vale de modo especial para pastoras e pastores, diáconas e educadores cristãos: “Temos que aprender a ver além do que somos capazes de perceber com nosso olhar tra-

dicional. Isso é uma proposta: escutar e ver além do óbvio manifesto” (p. 217). Fica uma pergunta deveras instigante: “Será que podemos dizer que a profunda solidão em que cada brasileiro vive é uma vingança da alma desprezada?”

Vale a pena ler e refletir sobre este oportuno livro.

Roberto E. Zwetsch